



## Some points on associationism in Brazilian education

### Alguns apontamentos sobre o associativismo na educação brasileira

### Algunos apuntes sobre el asociacionismo en la educación brasileña

Simone Paixão Rodrigues<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Faculdade São Luís de França, Aracaju, Sergipe, Brasil.

**Autor correspondente:**

Simone Paixão Rodrigues

E-mail: simonepaixao10@gmail.com

**Como citar:** Rodrigues, S. P. (2021). Some points on associationism in Brazilian education. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 2(1), e12446. <https://doi.org/10.20952/jrks2112446>

#### ABSTRACT

This text aims to present some associations that promoted educational practices in the Brazilian educational scenario in the nineteenth century and in the first half of the twentieth century, highlighting, mainly, the significant presence of student associations. For the identification of associations, as well as for the production of this work, I got hold of the methodological contributions of the bibliographic research from the reading and analysis of the works of Hisdorlf (1986), Gondra and Shueler (2008), Serra (2010), Peixoto (2003) and Rodrigues (2015). Investigations on the productions of these authors who engaged in associative practices in Brazilian education pointed out that dozens of associations contributed to the development of the educational project to civilize the nation.

**Keywords:** Associationism. History of education. Student associations.

#### RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar algumas associações que promoviam práticas educativas no cenário educacional brasileiro nos anos oitocentistas e na primeira metade do século XX, destacando, principalmente, a presença significativa do associativismo estudantil. Para a identificação das associações, bem como para a produção deste trabalho, me apropriei dos aportes metodológicos da pesquisa bibliográfica a partir da leitura e análises dos trabalhos de Hisdorlf (1986), Gondra e Shueler (2008), Serra (2010), Peixoto (2003) e Rodrigues (2015). As investigações sobre as produções desses autores que enveredaram pelas práticas associativas na educação brasileira apontaram que dezenas de associações contribuíram para o desenvolvimento do projeto educacional de civilizar a nação.

**Palavras-chave:** Associativismo estudantil. Associativismo. História da educação.

## RESUMEN

---

El presente texto tiene como objetivo presentar algunas asociaciones que promovían prácticas educativas en el escenario educativo brasileño en el siglo XIX y en la primera mitad del siglo XX, destacando, principalmente, la presencia significativa del asociacionismo estudiantil. Para la identificación de las asociaciones, así como para la producción de este trabajo, me apropié de los aportes metodológicos de la investigación bibliográfica a partir de la lectura y análisis de los trabajos de Hisdorlf (1986), Gondra y Shueler (2008), Serra (2010), Peixoto (2003) y Rodrigues (2015). Las investigaciones sobre las producciones de esos autores que siguieron por las prácticas asociativas en la educación brasileña señalaron que decenas de asociaciones contribuyeron para el desarrollo del proyecto educativo de civilizar la nación.

**Palabras clave:** Asociacionismo estudiantil. Asociacionismo. Historia de la Educación.

## INTRODUÇÃO

---

Ao longo da formação das sociedades modernas registraram-se vestígios de ações coletivas que conjecturaram interesses comuns e despertaram nos indivíduos a necessidade ou vontade de promover o desenvolvimento do seu meio social através de práticas associativas.

A prática associativa, naquele momento, serviu como instrumento democrático capaz de desenvolver o espírito de cooperação nos diferentes espaços sociais. O associativismo ancorou-se em princípios democráticos, nos quais a liberdade e participação social são colunas basilares na construção e consolidação da sociedade moderna, e configurou-se como uma ação coletiva motivada por um sentimento de defesa ao bem comum e combate ao individualismo.

Ao direcionar as lentes investigativas sobre o associativismo no campo da educação, ou especificamente das práticas educativas, são perceptíveis os diversos modelos de associativismo presentes no cenário da educação brasileira. Nos anos oitocentistas, as associações, fossem literárias, esportivas ou ecológicas, reuniram um grupo de jovens de interesses comuns que desenvolveram atividades que requereram organização, disciplina, cooperação e colaboração, o que as tornavam como um lugar de aprendizagem para o convívio social. Por meio delas assegurava um tipo de prática educativa que aprimorava e dialogava com a educação escolar e familiar.

O associativismo discente, dotado de peculiaridades e autonomia faz parte de uma cultura escolar e chama a atenção por sua significância na identidade do aluno e da educação. As razões para a presença marcante desse tipo de associativismo na realidade da educação das sociedades democráticas são plurais, mas percebe-se que a comunhão com os interesses ditados pela democracia é uma característica peculiar a ele.

Desse modo, O presente texto tem como objetivo apresentar algumas associações que promoviam práticas educativas no cenário educacional brasileiro nos anos oitocentistas e na primeira metade do século XX, destacando, principalmente, a presença significativa do associativismo estudiantil. Para a identificação das associações, bem como para a produção deste trabalho, me apropriei dos aportes metodológicos da pesquisa bibliográfica a partir da leitura e análises dos trabalhos de Hisdorlf (1986), Gondra & Shueler (2008), Serra (2010), Peixoto (2003) e Rodrigues (2015).

## O ASSOCIATIVISMO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

---

No Brasil oitocentista, educar, civilizar e instruir a população da nação independente foram palavras de ordem nos discursos que ecoavam nos mais diversos ambientes políticos e sociais. A educação passava a ocupar lugar de destaque na esfera das necessidades da sociedade e era vital para a nação que ainda engatinhava rumo a sua consolidação como unidade territorial independente. Saber ler e escrever apresentava-se como competências de um povo

comprometido com a civilidade e, sobretudo, com a construção de unidade nacional alicerçada no interior das escolas que passavam a ser compreendidas como instituição social estatal controlada por um aparelho burocrático e a favor do Estado.

Faria Filho (2000) ressalta que a instrução nesse momento serviu de mecanismo do governo e controlava o povo que não podia se desviar do caminho traçado dentro do projeto imperial de educação.

A instrução possibilitaria arregimentar o povo para um projeto de país independente, criando também as condições para uma participação controlada na definição dos destinos do país. Na verdade, buscava-se constituir, entre nós, as condições de possibilidade da governabilidade, ou seja, a criação das condições não apenas para a existência de um Estado independente, mas, também, dotar esse Estado de condições de governo. Dentre essas condições, uma das mais fundamentais seria, sem dúvida, dotar o Estado de mecanismo de atuação sobre a população (Faria Filho, 2000, p. 137).

Por conseguinte, governo e sociedade civil tomavam a mesma direção para execução do projeto de construção da nação independente e compartilhavam os mesmos ideais de civilização. Percebe-se, nesse momento, uma expansão do movimento associativo que teve como principal consequência a criação de associações que visavam atender aquele projeto.

Ao longo da história da sociedade brasileira imperial foram criadas inúmeras associações com finalidades e denominações diversas e que se configuraram como espaços formais de sociabilidade<sup>1</sup>, dentre as quais se destacaram as confrarias, as irmandades religiosas e leigas, as lojas maçônicas, as academias, os grêmios, as sociedades corporativas ou profissionais, científicas, literárias, filantrópicas, políticas e pedagógicas. Muitas destas associações promoveram práticas educativas que as legitimaram e foram denominadas como espaços de formação educativa não institucionalizados (Gondra & Shueler, 2008).

De acordo com os estudos de Gondra & Shueler (2008) a criação dessas associações se deu em um momento em que a educação foi pensada no plural, como também as forças educativas foram plurais para atender o projeto de construção da nação que acabava de nascer. A família, igreja e governo compartilharam o mesmo projeto de educação e conviveram com diversas iniciativas oriundas de diferentes indivíduos e grupos sociais que, também, contribuíram de forma crucial. Tais iniciativas revelaram a participação efetiva da sociedade civil que em prol de difundir a civilização entre as camadas mais amplas da população, implementou múltiplos espaços de sociabilidade que no seu interior, diferentes atores sociais com formação intelectual e atuação profissional diversas interagiram.

Grupos de intelectuais e homens de letras, religiosos, políticos, médicos, juristas, professores, militares e outros grupos profissionais e corporativos se reuniram com fim de atingir determinados objetivos, finalidades e interesses compartilhados, apesar das diferenças internas, das divergências e tensões observadas nestes espaços (Gondra & Shueler, 2008, p. 66).

Os estudos sobre esses espaços de sociabilidade apontam que a partir da década de 1830, o associativismo se fez presente no universo da sociedade brasileira, em especial na educação. Inúmeras associações educativas garantiram assistências aos alunos pobres, ofertaram cursos gratuitos e desenvolveram atividades voluntárias. Segundo as linhas interpretativas de Gondra & Sheuler (2008), uma das primeiras associações educativas

---

<sup>1</sup> Segundo Serinelli (1988): La sociabilité peut toutefois s'entendre aussi d'une autre façon. Ces 'réseaux' secrètent, en effet, des microclimats, et l'activité et le comportement des intellectuels qui écrivent et, éventuellement, s'engagent sous ces cieux différents présentent souvent des traits propres que confèrent à ces milieux une certaine spécificité. Dans cette perspective, le mot sociabilité revêt donc une double acception, à la fois 'réseaux' qui structurent et 'microclimat' qui caractérise un microcosme intellectuel particulier (Sirinelli, 1988, p.12).

brasileira foi a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, criada em 1827 na capital do Império pelo negociante carioca, Inácio Álvares Pinto de Oliveira.

Inaugurada em 1828, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional<sup>2</sup> tinha como objetivo “contribuir para a civilização e o progresso da pátria por meio do auxílio da indústria, com aquisição de máquinas e incremento das riquezas nacionais” (Gondra & Shueler, 2008, p. 70). Mantida com subsídios do governo, esta associação foi “responsável pela criação e manutenção de estabelecimentos de ensino primário, profissional, artísticos e técnico, bem como de cursos noturnos para adultos” (Gondra & Shueler, 2008, p. 70-71).

As investigações desses autores apontaram que os anos oitocentistas foram marcados por dezenas de criação de associações educativas em diversas províncias brasileiras, que por meio dos subsídios do governo e por iniciativas privadas fundaram e mantiveram instituições de ensino, visando atender o projeto de civilização da nação através da instrução. Só na capital do Império foram fundadas 12 associações, conforme mostra a tabela 1.

**Tabela 1.** Associações Educativas do Rio de Janeiro no Século XIX.

Nome da Associação	Ano de Fundação
Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional	1828
Sociedade Amante da Instrução	1829
Sociedade de Instrução Elementar	1831
Sociedade da Educação Liberal	1833
Sociedade da Instrução Gratuita	1833
Sociedade Auxiliadora das Artes Beneficentes	1836
Sociedade Propagadora das Belas Artes	1856
Sociedade da Propagadora da Instrução das Classes Operárias da Lagoa	1872
Associação Municipal Protetora da Infância Desvalida	1871
Associação Protetora da Infância Desamparada valida	1883
Grêmio dos Professores Contra a Escravidão	1884
Club de Libertos de Niteroi	1884

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base nos estudos de Gondra & Shueler (2008).

Não obstante, a historiografia educacional revela que outras experiências de associações educativas criadas em outras cidades e províncias brasileiras, a exemplo de São Paulo, São Carlos, Campinas e Pelotas. Segundo os estudos de Peres (2012) e Souza (2009), essas experiências desvelam como a prática de associativismo consolidou-se na história da formação do Brasil como um órgão eficiente do governo e da sociedade civil.

Associações elencadas na tabela 1, além de contribuírem para o desenvolvimento do país com a criação e manutenção de instituições educativas, também se configuraram como espaços de convívio social e político que aproximaram pessoas que compartilharam interesses e objetivos comuns e que se associaram para desenvolver projetos coletivos.

Dentro desse panorama a província de Sergipe também despontou com a presença de associações educativas, como por exemplo, a Sociedade Libertadora Aracajuana Cabana de Pai Thomáz, uma associação abolicionista fundada na cidade de Aracaju no ano de 1882 e que objetivava desenvolver atividades em prol da liberdade dos cativos.

Figueirôa (2007) em seus estudos sobre a contribuição dos abolicionistas sergipanos para o projeto de civilização da nação através das práticas e educação aos ingênuos no período de 1881 a 1884, revelou a contribuição que essa associação ao longo da sua história deu ao projeto por meio de diferentes atividades, dentre as quais estavam a realização de palestras, conferências, representações teatrais, atividades jornalísticas, entrega de cartas de alforria e aulas do ensino primário.

<sup>2</sup> Também conhecida como Sociedade Promotora da Indústria Nacional é considerada na historiografia como a primeira sociedade civil do Brasil Império. Cf: Gondra & Sheuler, 2008, p. 70

Mantida pelas contribuições mensais de seus sócios, a Sociedade Libertadora Aracajuana Cabana de Pai Thomáz, antes de sua inauguração, seu fundador, o abolicionista Francisco José Alves, o Pai Thomáz, já oferecia em sua casa aulas para os filhos das escravas libertas e para os pequenos escravos libertos pela Lei do Ventre Livre. A escola possuía duas professoras, Eltevína Amália de Siqueira e Maria dos Prazeres Siqueira Alves, e tinha como objetivo agilizar esforços para disciplinar a conduta e moldar o comportamento dos ingênuos a partir do ensino de boas maneiras.

A identificação das finalidades dessa associação sergipana, em especial, a oferta de aulas para os ingênuos, a coloca dentro do conjunto das associações compreendidas como espaço de sociabilidade e promotoras de práticas educativas, e que se configuram como “forças educativas” que desenvolveram “formas de educar” dentro da estrutura educacional do Brasil imperial. A investigação sobre elas contribui para desvendar o associativismo na educação brasileira que se deu das mais diferentes formas e foram resultantes de ações de governos e ou de diversos grupos sociais.

## **AS ASSOCIAÇÕES ESTUDANTIS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

É fundamental perceber que dentro do movimento associativo presente na história educacional brasileira, estão diversos tipos de associações, dentre as quais se destacaram as associações estudantis que nasceram no seio das universidades e escolas brasileiras como uma prática discente incentivadas ou não por professores e gestores e que se configuraram como espaços de desenvolvimento moral, intelectual e de sociabilidade da juventude. Nesses espaços os discentes colaboraram, cooperaram, socializaram, se organizaram para conquista de direitos e exercitaram a autonomia e a cidadania.

Nesta perspectiva, os estudos relacionados à juventude estudantil revelam que é possível compreender as representações da sociedade de outrora, através da investigação da cotidianidade dos jovens, de maneira que nos permite esboçar e analisar traços da cultura, educação e política entre outros temas presentes na sociedade moderna. Nessa direção, o fenômeno do associativismo estudantil surgiu como um elemento importante da cultura escolar de boa parte das instituições de ensino brasileiro e a compreensão desse fenômeno exige considerar um intrincado conjunto de ensejos que concorreram para a sua formação.

Adverte Setton (2004, p. 29) que “é preciso salientar que os estudos da teoria clássica moderna consideram os pares de conceitos igualdade/liberdade/sociedade como elementos explicativos do fenômeno associativista. Ainda que o berço original desses pares conceituais seja a ciência política”, faz-se necessário privilegiar uma abordagem culturalista para melhor compreender as relações sociais presentes no centro do associativismo.

Seguindo essa advertência, Tocqueville (2005, p. 145) conceitua uma associação como um tipo de sociabilidade original das sociedades democráticas, que prima pelo desenvolvimento da disciplina e do espírito de participação, colaboração e solidariedade. Segundo A “associação é “o meio universal e, por assim dizer, único, que os homens podem utilizar para atingir os diversos fins que se propõem.

Por essas interpretações, a função essencial das associações de estudantes seria possibilitar a agregação de interesses individuais, impactados no ambiente educativo das instituições escolares que, por sua vez, tem a função de garantir a educação para a prática e o convívio democrático tão necessário às sociedades modernas. Através do associativismo, os estudantes reuniram-se, cooperaram, compartilharam, socializaram, solidarizaram-se, estabeleceram códigos e obedeceram às regras que os disciplinaram.

As associações estudantis na educação brasileira têm sua gênese no século XIX e é explicada dentro dos estudos da História da Educação como frutos das iniciativas dos alunos das faculdade do Império brasileiro, principalmente das faculdades de Direito. Nesse sentido, Hilsdorf (1986, p. 28) expõe que:

Idéias liberais e democráticas empolgavam também o alunado, produzindo a expansão das associações estudantis e o florescimento da literatura acadêmica de natureza política. Grupos liberais e conservadores de todos os matizes defrontavam-se na Brasília, no Ensaio Filosófico Paulistano, no Ateneu Paulistano, na Associação Culto à Ciência, no Recreio Instrutivo e no Guaianá, participando de suas reuniões, escrevendo para seus periódicos.

Seguindo as explicações de Hilsdorf, a expansão do associativismo estudantil nas faculdades imperiais também estava atrelada ao aumento de produções de impressos estudantis e que chegaram até as escolas do ensino secundário influenciando os alunos a fundarem suas próprias associações. A identificação da expansão de associativismo estudantil comprova uma acentuada presença desse tipo de associativismo nas instituições de ensino no Brasil oitocentista, não só de nível superior, mas especialmente no ensino secundário.

Cabe destacar que as s associações estudantis brasileiras criadas no século XIX e na primeira metade do século XX, com fins literários, culturais ou políticos, desenvolveram práticas educativas e contribuíram de forma ímpar para a formação moral, política, social e cultural dos estudantes. Por meio delas, a juventude criou dispositivos de inserção na sociedade e se fez ver e ouvir. A maioria dessas associações enquadram-se no modelo das associações voluntárias, pois a filiação a elas e a participação efetiva dos sócios se davam de forma voluntária, movido por se identificarem com as suas finalidades e seus objetivos. Nessas associações, espaços legítimos de convívio social e de intermediação entre indivíduo e sociedade, os sócios estabeleceram e adquiriram vínculos sociais e referência de grupo.

Como exemplo de associação estudantil do ensino secundário brasileiro criada no século XIX, destaco a Associação Culto à Ciência, uma sociedade literária fundada em 1857 pelos alunos do Colégio Culto à Ciência da Província de São Paulo. Esta associação, dois anos após a sua criação, lançou o periódico mensal Memórias da Associação Culto à Ciência, jornal no qual Rangel Pestana teria escrito em 1860, o artigo “As Letras, as Ciências e Artes no Brasil”. Entretanto, esta não foi a única associação estudantil criada na província de São Paulo durante o século XIX.

Hilsdorf (1986), Monarcha (1999), Nery (2009) e Serra (2011) apontam que na segunda metade dos anos de 1800 existiram cerca de dezenas de associações estudantis responsáveis pela maioria dos periódicos que circularam em São Paulo. Alunos do ensino superior e das escolas normais foram os responsáveis pela criação dessas associações que estão relacionadas “à produção cultural acadêmica, isto porque os alunos organizavam um órgão de veiculação – jornal ou revista –, tendo, na maioria das vezes, uma associação estudantil” (Serra, 2011, p. 89).

O associativismo discente nas escolas normais, consonante com os estudos de Silva (2009), Nery (2009) e Serra (2011), teve início na Escola Normal da Capital em 1889 com a fundação do Club Republicano Normalista. Um ano após a fundação deste clube os alunos fundaram sua primeira associação, Arcádia Normalista, sob a proteção da Escola Normal, “uma entidade oficial, com apoio de Caetano de Campos, do Secretário do Interior Rubião Junior e do deputado estadual Arthur Breves” (Silva, 2009, p. 50). Segundo Silva (2009, p. 51):

As referências à *Arcadia Normalista* não se limitam ao seu estatuto. Aqueles que participaram de sua instalação em 1890, Oscar Thompson, João Crysostomo B. dos Reis Jr. e João Lourenço Rodrigues, tomam a *Arcadia Normalista* como estratégia muito mais ampla, uma experiência a ser repetida em minúcias.

A Arcádia Normalista, considerada como uma das primeiras associações estudantis das escolas normais paulistas, foi fundada como um grêmio literário, no qual os sócios recitavam poemas, discursavam e segundo os seus estatutos produziram a *Revista Instrução*<sup>3</sup>. Serra

---

<sup>3</sup> Nery (2009) ressalta que durante as suas pesquisas sobre as ações de Oscar Thompson e formação dos professores em São Paulo, no período de 1911 a 1923, não foi localizado nenhum dado sobre a publicação e ciclo de vida deste periódico e também desta associação.

(2011) esclarece que após a primeira década do século XX ocorreu um impulso na criação de associações estudantis paulistas não só nas escolas normais, como também nos ginásios e nos institutos de educação. Segundo a autora, entre os anos de 1906 e 1930 foram criados: Grêmio Normalista “16 de maio”, Grêmio Normalista “Álvares de Azevedo”, Grêmio Normalista “2 de agosto”, Grêmio Normalista “18 de abril”, Grêmio Normalista de Piracicaba, Grêmio Normalista “11 de junho”, Grêmio Normalista Literário e Pedagógico e Grêmio Normalista “22 de março”.

Cabe destacar que dentro do movimento associativo discente paulista ocorreu também uma larga produção de jornais, boletins e revistas, órgãos oficiais das associações estudantis, dentre as quais estavam: O Estímulo (1906), O Excelsior (1911), O Estudo (1911) O Raio Verde (1917), O Sorriso (1928), O Normalista (1929).

Sobre o crescimento do associativismo estudantil nas escolas normais de São Paulo, os estudos de Nery (2009) aprovam que está atrelado à ação de João Lourenço Rodrigues, Oscar Thompson e João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior na Escola Normal da Capital, sendo que a partir de 1911 passa a ser atividade presente em todas as Escolas Normais do estado, tornando-se oficial a partir da Reforma do Ensino de São Paulo de 1920. A autora afirma que:

Os grêmios tornavam-se assim uma peça na engrenagem complexa da representação social do professor que se pretendeu constituir a partir da imagem do aluno-mestre. Como elemento essencial desta representação, começam a publicar periódicos, na maioria, em forma de jornais ou boletins informativos (Nery, 2009, p. 65).

Assim como a pesquisadora Hilsdorf (1986), Nery (2009), também, aponta que as associações estudantis das escolas normais paulistas têm sua origem no século XIX dentro da Faculdade de Direito do Lago de São Francisco em São Paulo. Ao corroborar que o associativo acadêmico influenciou significativamente o das escolas normais paulistas, Nery faz uma ressalva:

O grêmio normalista nas Escolas Normais paulistas pode não ter, apenas, se originado das associações de alunos, em São Paulo, que já eram patentes no século anterior e na experiência da Escola Normal da Capital. João Lourenço Rodrigues, enquanto Inspetor Geral do Ensino, realizou visitas às escolas americanas e lá se deparou com um tipo de organização discente. Com recomendações feitas por Oscar Thompson e Horace Lane para esta viagem aos Estados Unidos, Rodrigues diz que uma das coisas que o impressionou foi a “república escolar”. Por meio delas os alunos exercitariam a vida republicana, constituindo uma espécie de governo, onde aprenderia princípios fundamentais da educação cívica e da organização política do país. Mais do que formação cívica, segundo Rodrigues, a república escolar “é antes de tudo um poderoso instrumento de educação moral (Nery, 2009, p. 68).

Nery (2009), também, enfatiza que outros elementos apontados como influenciadores da criação das associações estudantis merecem atenção para que o pesquisador não caia no terreno do consenso e crie teorias explicativas a partir daquilo que seu olhar quis ver. Nas escolas brasileiras os ideais da Escola Nova são identificados como fortes motivadores da disseminação de associações estudantis.<sup>4</sup>

A proposição de que a escola deve ter como base os interesses da criança é expressa em sua forma mais radical e mais sistematizada na obra de John Dewey que influenciou decisivamente o pensamento pedagógico do século XX (Valdemarim, 2010, p. 29). Alicerçado em um modelo de ensino que compreendia os fatos e as experiências de vida dos alunos como

---

<sup>4</sup> Declarou Veiga (2003) que a Escola Nova foi apresentada por seus defensores com um laboratório de pedagogia prática em que privilegiava os trabalhos manuais, trabalhos livres, trabalho individual, trabalhos coletivos. Essa metodologia primava pela educação da consciência moral e da razão prática, existindo uma forte preocupação com a cultura do corpo pela ginástica natural e com a promoção de viagens a pé ou de bicicleta, acampamentos em barracas e cozinha ao ar livre como forma de aprendizagem prática (Veiga, 2003, p.399-422).

forma de valorização da construção do conhecimento, a Escola Nova passou a enxergar a escola como espaço promotor de uma maior valorização da iniciativa do aluno na aprendizagem garantindo êxito na efetivação do diálogo na relação professor/aluno/sociedade.

A publicação e circulação das obras de Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Anísio Teixeira, principais instrumentos de divulgação das concepções da Pedagogia Nova, demonstram que no Brasil priorizou-se o desenvolvimento da escolarização, valorizando as experiências do aluno e o desenvolvimento da autonomia para a realização de trabalhos e atividades e a diversificação de ambientes educacionais (Valdemarim, 2010, p. 126). Neste contexto, a disseminação de atividades extraescolares, bibliotecas, excursões, festas escolares, associações escolares (grêmios, sociedade, centros, escotismo e ligas), impressos escolares e outros começam a delinear a nova paisagem das escolas brasileiras.

As pesquisas de Monarcha (1999), Delmonte (2010), confirmam que paralelo ao movimento escolanovista ocorreu uma maior efervescência de associações estudantis sediadas nas escolas brasileiras de Ensino Secundário. Conforme esses pesquisadores, dentro das práticas agremiativas dos estudantes secundaristas são possíveis apreender algumas configurações dos ideais da Escola Nova. Os grêmios funcionavam como um dispositivo de preparação e formação dos alunos que eram estimulados a produzirem conhecimentos, a serem ativos, e desenvolverem o espírito de responsabilidade, civismo e moralidade.<sup>5</sup> Por essa compreensão das finalidades dos grêmios estudantis, pesquisadores dessas temáticas tendem a apresentar a constituição dessas agremiações como resultantes da influência da Pedagogia da Escola Nova.

Após os anos de 1930, ocorreu uma intensificação na criação de associação estudantil nas escolas brasileiras. Alguns estudos da história da educação, dentro os quais destaco Horta (1994), Peixoto (2003) e Souza (2009), acusam que esta intensificação foi resultado da política educacional da Era Vargas e dos pressupostos da Escola Nova que respaldaram e incentivaram atividades para além do espaço físico da sala de aula por meio de trabalhos complementares.<sup>6</sup>

No governo varguista, o então ministro da educação, Francisco Campos estimulou intensamente as atividades de socialização dentro das escolas. Auditórios, excursões, clubes, bibliotecas, disciplinas escolares (Educação Física, Trabalhos Manuais, Desenho e Canto), escotismo, grêmios, ligas, jornais escolares etc, foram empreendidas como atividades de socialização e introduzidas nos currículos sob a denominação de Instituições Escolares.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> “A prática de grêmios literários evidencia fortes características dos pressupostos trazidos pelo método intuitivo após os anos de 1886 – momento em que essa corrente toma força no Brasil, com a tradução do livro de Calkins, sobre a compreensão do processo de aprendizagem – pois, apresentava como principais características: a participação ativa do aluno; a valorização do indivíduo no processo de aprendizagem em lugar da valorização dos conteúdos; a formação reflexiva em detrimento da habilidade de memória; e a seleção de conteúdos segundo critérios de utilidade para a vida” (Delmonte, 2010, p.75).

<sup>6</sup> “O estudo da influência das concepções educacionais renovadoras no Brasil defronta-se com questões temporais. Admitindo-se que grande parte de suas proposições ainda informa o ideário pedagógico brasileiro, pode-se trabalhar com a hipótese de um ciclo de longa permanência cujos primeiros movimentos ocorreram num curto espaço de tempo, foram compostos de inúmeras ações estratégicas e simultâneas e que incluíam reformas educacionais em todos os níveis, debates polêmicos, produções editoriais e jornalísticas, individuais ou coletivas, e ocupação de posições-chave no comando da administração educacional e de associações. A simultaneidade das ações e da ocupação dos espaços políticos aglutinou forças e resultados numa direção comum, mesmo que cada uma delas seja portadora de especificidades. Embora as periodizações sejam sempre educativas, pode-se localizar num período de nove anos – 1926 -1935 – os eventos educacionais com forte conotação renovadora. A agitação de ideias provocada pelo inquérito realizado por Fernando de Azevedo para o jornal O Estado de S. Paulo em 1926, teve prosseguimento com ações editoriais, projetou-se nacionalmente por meio do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova em 1932, assentou bases institucionais na Reforma do Instituto de Educação de Distrito Federal e na elevação da formação de professores ao nível superior que foi interceptada em 1935, tanto no Distrito Federal quanto em São Paulo” (Valdemarim, 2010, p. 110-111).

<sup>7</sup> Em consonância com Souza (2009), dentro dos estudos da História da Educação as instituições auxiliares foram nomeadas e classificadas de diversas formas ao longo dos anos. Contudo em 1960, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo dividiu estas instituições em três categorias distintas: 1-Assistencial – caixas escolares ou

Esclarece Peixoto (2003) que estas atividades de socialização ocupavam papel de destaque no currículo escolar, pois além da sua afinidade com a Escola Nova, a escola cada vez mais era compreendida como uma instituição capaz de atuar no processo de disciplinarização da sociedade.

Atendendo ao modelo do escolanovismo, os espaços escolares ganharam uma dimensão maior e mais significativa no universo de suas funções. Além de seu papel preventivo e disciplinador, a escola passou a ter a importante “função de criar no indivíduo o desejo de colaborar na construção de uma pátria una, que tem no homem brasileiro, produtivo, disciplinado, a base de sua grandeza” (Peixoto, 2003, p. 112). A socialização defendida e praticada no interior das instituições de ensino de todos os níveis, aquiesceu-se como uma mola-mestre na complexa engrenagem do processo de formação dos educandos, elevando seu espírito de responsabilidade e garantindo-lhe práticas e experiências de convivência social alicerçada no gracejo de civismo e civilidade.

Os estudos de Peixoto (2003) revelam que em Minas Gerais após a aprovação do Decreto nº 11.501 de 1934, o Conselho dos Estudantes elucidou a importância das atividades de socialização, não só como espaço de aprender fazendo, mas como meio de garantir ao aluno a vivência de experiências úteis no desenvolvimento de qualidade do bom cidadão (Peixoto, 2003, p. 1976). Esclarece a autora que o Conselho do Estudante, presidido pelo diretor escolar e composto por representantes de classes, eleitos pelo voto direto dos colegas, e por três professores, representantes do corpo docente, contribuiu significativamente para a manutenção da ordem e da disciplina nas escolas. Tendo em vista a educação e instrução dos alunos e a boa harmonia e cooperação deles com a equipe diretiva e professores da instituição de ensino, o Conselho de Estudantes propugnou o aperfeiçoamento dos discentes e seus interesses coletivos.

Por essa perspectiva, as associações estudantis compuseram o conjunto de atividades de socialização que contribuíram na formação da juventude que “aprendia fazendo”, por meio das vivências de experiências benévolas fundamentadas no desenvolvimento de senso de responsabilidade, respeito, dignidade e cooperação para o bem em sociedade.

A implantação do Estado Novo, em 1937, alterou o regime político brasileiro e estabeleceu novas formas de relações e organizações entre governo e sociedade. Nesta urdidura, regulamentou-se o funcionamento das organizações da juventude que teve como consequência a promoção e criação de entidades e associações designadas a formação moral e cívica do jovem.<sup>8</sup> Os grêmios estudantis constituiu o conjunto de associações auxiliares ou escolares destinadas a complementarem a educação formal nos estabelecimentos de ensino. Em meio a outras instituições escolares - clubes agrícolas, pelotões de saúde, jornais e murais, ligas de bondade, clubes de leitura, varais literários, ligas pró-língua nacional, bibliotecas, círculos de pais e professores, associações de pais e ex-alunos etc. – as associações estudantis, com distintas finalidades, também foram mecanismo de controle do estado e atenderam ao projeto educacional estadonovista.

Nas terras sergipanas o associativismo estudantil também se originou no século XIX, sendo a primeira associação estudantil criada em 1872 pelos alunos do Atheneu Sergipense. E assim como ocorreu em São Paulo os anos finais do século XIX e a primeira metade do século

---

caixas de cooperação escolar; 2- Cultural – teatro, cinema, museu, biblioteca, jornais, clubes filatélicos; 3- Socializante – cívicas (campanhas, comemorações, eventos de civismos), artísticas (coral, banda, fanfarra); sociais (escotismo, bandeirantismo, atividades sanitárias); esportivo/recreativas (festas, excursões).

<sup>8</sup> Segundo Horta (1994): “[...] A Juventude Brasileira seria administrada, em nível federal, por um Conselho Nacional e por um Departamento Nacional da Juventude, ligados ao Ministério da Educação. O Departamento Nacional da Juventude substituiria a Divisão de Educação Física Extra-Escolar do Ministério da Educação e ficaria com o encargo da administração das atividades educativas, não incluídas no ensino, e destinadas à formação física, ao desenvolvimento da educação moral e cívica e ao complemento da educação intelectual da Juventude Brasileira. Em nível estadual, seriam criados Conselhos de Juventude e Departamento de Juventude nas Secretarias Estaduais de Educação” (Horta, 1994, p. 231).

XX registrou a presença de diversas associações criadas pelos alunos do ensino secundário e atrelado a elas a produção de impressos estudantis, exclusivamente jornais.

De acordo com os jornais da época e de estudos da História de Educação, entre os anos finais do século XIX e a primeira metade do século XX, em Sergipe foram criadas cerca de 24 associações estudantis que fizeram parte da cultura escolar das instituições de ensino sergipana, conforme mostra a tabela 2.

**Tabela 2.** Associações Estudantis de Sergipe (1872-1956).

	Nome da Associação	Ano de Criação	Instituição de Ensino
1	Sociedade O Porvir <sup>9</sup>	1872	Atheneu Sergipense
2	Sociedade O Porvir	1874	Atheneu Sergipense
3	Sociedade Grêmio Tobias Barreto	1898	Atheneu Sergipense
4	Academia São Thomáz	Década de 1920	Não Identificada
5	Grêmio Littero Sportivo do Pedro II	1930	Atheneu Sergipense
6	Grêmio Literário do Pedro II	1931	Atheneu Sergipense
7	Grêmio Literário Clodomir Silva	1934	Atheneu Sergipense
8	Clube de Turismo Instrutivo	Década de 1930	Escola do Comércio Conselheiro Orlando
9	Grêmio Lítero-científico	Década de 1930	Colégio Tobias Barreto
10	Grêmio Tobias Barreto	1935	Colégio Tobias Barreto
11	Grêmio João Carneiro de Melo	Não identificado	Colégio Tobias Barreto
12	Salão da Matemática	1941	Atheneu Sergipense
13	Grêmio Pré-Politécnico	1941	Atheneu Sergipense
14	Centro Cultural Alcebíades Paes	1941	Atheneu Sergipense
15	Grêmio Cultural Graccho Cardoso	Não identificado	Escola Técnica de Comércio de Sergipe
16	Grêmio Cultural Monsenhor Gonçalves Lima	Não identificado	Ginásio Jackson de Figueiredo
17	Grêmio Cultural Professor Francisco Travasso	Não identificado	Escola Industrial de Aracaju
18	União Sergipana dos Estudantes Secundarista de Sergipe	1950	USES
19	Clube Estudantil de Sergipe	Década de 1950	-
20	Grêmio Literário Imaculada Conceição	Não identificado	Ginásio Imaculada Conceição de Capela
21	Centro Cívico do Colégio Estadual do Estado de Sergipe	1943	Atheneu Sergipense
22	Centro Académico Silvo Romero	Década de 1940	Faculdade de Direito de Sergipe
23	Arcádia Literária do Atheneu Sergipense	1956	Atheneu Sergipense
24	Grêmio Cultural e Esp. S. Pio Décimo	Não identificado	Não identificada

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base no catálogo “Jornais, Revistas e outras Publicações Periódicas de 1832-1908”, nos estudos Carvalho Neto (2004) e no Jornal Unidade Estudantil, 1953.

A tabela também evidencia que a maioria destas instituições de ensino estava localizada em Aracaju, capital do Estado. O Grêmio Literário Imaculada Conceição, criado pelos alunos do Ginásio Imaculada Conceição, situado na cidade de Capela, foi o único registro de uma associação criada no interior do estado. O que não significa que esta foi a única iniciativa de associativismo estudantil fora de Aracaju. Ao contrário, a localização desse grêmio estudantil em Capela, certifica que o associativismo estudantil avançou as fronteiras da capital e possivelmente floresceu em várias instituições de ensino do território sergipano.

Neste panorama o Atheneu Sergipense surge como um espaço de referência sediando 11 agremiações estudantis, identificadas como sociedades, associações, grêmios literários,

<sup>9</sup> De acordo com o “Catálogo de jornais, revistas e outras publicações periódicas”, organizado por Armino Guarani e com os estudos de Rodrigues (2015), a Sociedade o Porvir surgiu primeiramente em 1872 produzindo o jornal estudantil O Porvir, e em 1874, ela reaparece com o nome Sociedade O Porvir tendo, também, órgão oficial denominado do Porvir.

grêmios culturais, salão, e centros culturais, conforme mostra a tabela 2.<sup>10</sup>

A identificação da criação de uma associação estudantil, na década de 1870, permitiu defender a assertiva de que, nos espaços das instituições escolares de Sergipe, especialmente no Atheneu Sergipense, o associativismo fazia parte da sua cultura escolar desde os primeiros passos da instituição de ensino.

Práticas como produção de jornais, defesas de teses, leituras e recitações de poemas, estudos literários, leituras da literatura sergipana e organização de eventos cívicos, eram comuns nas rotinas das associações estudantis de Sergipe. Os alunos do Atheneu Sergipense que delas fizeram parte e conviveram com normas disciplinares, proibições, suspensões, expulsões, sanções e prêmios, e conseguiram garantir formação cultural e política.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

A presente investigação apontou que os anos oitocentistas e a primeira metade do século XX foram marcados por dezenas de criação de associações educativas em diversas províncias brasileiras, que por meio dos subsídios do governo e por iniciativas privadas fundaram e mantiveram instituições de ensino, visando atender o projeto de civilização da nação através da instrução.

Em meio a elas, as associações estudantis, resultante do movimento associativo no interior das faculdades de Direito do século XIX e ou dos ideais propagados pela Pedagogia da Escola Nova, que floresceram no ambiente das instituições de ensino brasileiro, sobretudo as de ensino secundário, fizeram parte do cotidiano do universo da cultura escolar da juventude brasileira do século XIX e XX. Tais associações presente no cenário da vida social e cultural de jovens tornaram-se verdadeiros espaços de sociabilidade, nos quais e seus sócios estabeleceram regras de convivência e desenvolveram a socialização e se constituíram como grupos sociais distintos.

**AGRADECIMENTOS:** A autora agradece o financiamento para a realização deste estudo fornecido pela agência brasileira CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Código de Financiamento 001.

**CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:** Rodrigues, S. P.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, e revisão crítica de conteúdo intelectual importante. A autora leu e aprovou a versão final do manuscrito.

**CONFLITOS DE INTERESSE:** A autora declara que não há conflitos de interesse.

## **REFERÊNCIAS**

- Alves, E. M. S. (2005). O Atheneu Sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos: 1870- 1908. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Carvalho Neto, P. M. (2004). Imprensa estudantil sergipana (1874-2003). Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil.
- Delmonte, P. V. (2010). Práticas de Grêmios Literários no Instituto Metodista Granbery de Juiz de Fora – Instituições Dentro da Instituição (1907-1956). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, MG, Brasil.
- Faria Filho, L. M. (2003). Instrução elementar no século XIX. In: Lopes, E. M. T., Faria Filho, L. M., & Veiga, C. G. (Orgs.). 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, p. 135-150.
- Figueirôa, M. S. (2007). Matéria Livre... Espírito Livre para Pensar: um estudo das práticas abolicionistas em prol da instrução e educação de ingênuos na capital da província sergipana (1881 – 1884). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil.

---

<sup>10</sup> Nas décadas de 1960 e 1970, foram criados o Clube de Geologia Amador de Sergipe (CEGAS), Centro Cívico Tobias Barreto e Teatro Estudantil do Colégio Estadual de Sergipe (TECES).

- Gonçalves Neto, W. (2007). Pulsões Culturais da Sociedade Brasileira no Início do Século XX. In: Schelbauer, A. R., & Araújo, J. C. S. (Orgs.) História da Educação pela Imprensa. Campinas: Alínea, p. 107-128.
- Gondra, J. G., & Schueler, A. (2008). Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro. São Paulo: Cortez.
- Guaraná, A. (1925). Dicionário biobibliográfico sergipano. Rio de Janeiro: Pongetti.
- Hilsdorf, M. L. (1986). Rangel Pestana: o educador esquecido. Prêmio Grandes Educadores Brasileiros. Monografia Premiada. Recuperado de: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-64685/premio-grandes-educadores-brasileiros--monografia-premiada---1987>
- Horta, J. S. B. (1994). O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Monarcha, C. (1999). Escola normal da praça: o lado noturno das luzes. Campinas: Ed. da Unicamp.
- Nery, A. C. B. (1999). A sociedade de educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931). Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Nery, A. C. B. (2009). Em busca do elo perdido: a ação reformadora de Oscar Thompson e a formação de professores (1911-1923). Tese (Livre-docência). Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil.
- Nery, A. C. B., & Serra, Á. E. (2011). Associações discentes no Brasil e em Portugal (1991-1916): Instituições Educativas. *Anais do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, São Luis, MA, Brasil.
- Peixoto, A. M. C. (2003). Educação e Estado Novo em Minas Gerais. Bragança Paulista: EDUSF.
- Peres, E. (2012). Sobre o silêncio das fontes. A trajetória de uma pesquisa em história da educação e o tratamento das questões étnico-raciais. *Revista Brasileira De História Da Educação*, 2(2[4]), 75-102.
- Rodrigues, S. P. (2015). Com a palavra, os alunos: associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1934-1956). Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil.
- Rodrigues, S. P. (2015). Com a palavra, os alunos: associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1934-1956). Campinas: Mercado das Letras.
- Serra, A. E. (2010). As Associações de Alunos das Escolas Normais do Brasil e de Portugal: apropriação e representação (1906-1927). Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil.
- Setton, M. G. J. (2004). Rotary Club: habitus, estilo de vida e sociabilidade. São Paulo: Annablume.
- Silva, E. C. (2009). A configuração do habitus professoral para o alunomestre: a Escola Normal Secundária de São Carlos (1911-1923). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil.
- Sirinelli, J. F. (1988). Génération intellectuelle: Khâgneux et Normaliens dans l'entre-deux-guerres. 1ª reedição. Paris: Librairie Arthème Fayard.
- Souza, R. F. (2009). Alicerces da pátria: História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado de Letras.
- Tocqueville, A. (2000). A democracia na América: sentimentos e opiniões. Livro II. São Paulo: Martins Fontes.
- Tocqueville, A. (2005). A democracia na América: leis e costumes. Livro I. São Paulo: Martins Fontes.
- Valdemarim, V. T. (2010). História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez.
- Veiga, C. G. (2003). Educação estética para o povo. In: Lopes, E. M. T., Faria Filho, L. M., & Veiga, C. G. (Orgs.). 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, p. 399-422.

**Recebido:** 15 de maio de 2021 | **Aceito:** 28 de maio de 2021 | **Publicado:** 30 de maio de 2021



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.